

I CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO DOS ANIMAIS (2 MARÇO / 14 JULHO 2018)

TRABALHOS DE ALUNOS

O FUTURO DOS ZOOS: O SEU FIM?*

Ana Almeida

INTRODUÇÃO



Quando visitei um zoo pela última vez, no âmbito de uma disciplina no ensino universitário, o rapaz que nos fez a visita lançou uma pergunta que me deixou perplexa: “Se tivessem a vossa casa preferiam ter uma casa sem decoração nenhuma ou preferiam ter livros, quadros, jogos, etc?”. Ele lançou esta pergunta de forma a introduzir o bem que eles praticavam ao ter um zoo com enriquecimento ambiental, ou seja, onde os animais possuem uma espécie de “jogos” como forma de estimulação, por exemplo, em termos de alimentação em vez de ser dado o alimento diretamente, o animal tem que procurar e esforçar-se para o ter. Ora a minha resposta a este rapaz é: eu preferia ter uma casa, sim com livros e outros entretenimentos, mas também gostaria de sair dessa casa sempre que me apetecesse.

Atualmente existem cerca de 10,000 zoos em todo mundo, com aproximadamente 700 milhões de visitantes por dia. Destes 10,000 zoos apenas 1000 são acreditados por entidades superiores reguladoras ⁽¹⁾, deixando uma margem

* Terminologia: Animais – todos os animais não-humanos; Zoos – jardins zoológicos não incluindo parques biológicos, safaris, parques aquáticos e parques temáticos; WAZA- World association of zoos and aquariums; EAZA- European association of zoos and aquariums; AZA- Association of zoos and aquariums

assustadora de zoológicos sem qualquer tipo de supervisão. As opiniões públicas sobre estes locais começam a variar, existindo atualmente grandes debates sobre a ética de manter animais em espaços confinados. Muitas pessoas defendem que os zoológicos possuem, mais do que tudo, uma grande importância no que toca à educação e conservação, argumentando que sem a sua existência as pessoas não teriam qualquer sensibilidade ambiental nem criariam um vínculo com os animais. Por outro lado, existem pessoas que defendem que não deveriam existir zoológicos pois estes são mais uma forma de exploração animal para nosso próprio entretenimento, sendo que existem outras formas de atingirmos a meta da educação e conservação ⁽²⁾.

Os principais objetivos dos zoológicos atuais são: educação, conservação, investigação e entretenimento ⁽³⁾, se bem que os primeiros dois pontos possuem muito mais ênfase na publicidade que estes locais fazem. O que estou a tentar estudar e perceber é exatamente se o papel dos zoológicos é assim tão insubstituível na nossa sociedade: *(1) Serão os valores de uma educação baseada em animais confinados o que queremos passar às gerações futuras? (2) A conservação é dependente de estruturas como zoológicos? (3) A investigação proveniente destes locais adiciona informação significativamente importante àquela fornecida por estudos realizados na natureza? (4) Somos assim, ainda, tão egoístas que deixamos que tantos indivíduos vivam longe do seu habitat, da sua casa, só pelo prazer de os vermos durante 1 minuto das nossas vidas?*

A HISTÓRIA: ONDE? COMO? PORQUÊ?

O cenário das exposições de animais foi um marco constante ao longo do nosso desenvolvimento como sociedade, levando-nos a civilizações tão antigas como a egípcia, chinesa, grega, persa, romana ou árabe, entre outras. Os animais

despertavam nesta altura um sinal de poder e riqueza, sendo oferecidos, trocados e mantidos em coleções entre os cidadãos mais influentes e poderosos. A nossa relação com os animais passou sempre por esta demonstração de um estatuto social, quer seja em forma de jogos na Roma antiga, sacrifícios, material de guerra, caça ou alimentação ^(4,5), muitos deles infelizmente ainda presentes nos dias de hoje.

Este fascínio que sempre tivemos pelos animais e o desejo de os controlar levou à criação de locais onde os ter e exibir, dando origem às primeiras “Menageries” – termo utilizado pela primeira vez no séc. XVII em França – descritas como locais onde coleções privadas de animais exóticos e selvagens eram exibidas em jaulas.

Com o crescimento populacional e o desenvolvimento das cidades, a procura por mais animais exóticos e a curiosidade pública aumentaram levando a uma modificação deste panorama e convertendo as coleções privadas em coleções públicas, passando estas a denominar-se “jardins zoológicos” ⁽⁶⁾. Contudo, as diferenças para os animais seriam praticamente inexistentes pois as jaulas simples e mínimas continuaram presentes e o sofrimento destes animais era claro.

O rumo da história para os animais só iria mudar ligeiramente por volta do século XX quando começa a existir a preocupação com o ambiente e a sua conservação, sendo agora objetos de interesse não só por a sua faceta exótica, mas também por a sua vulnerabilidade ⁽⁶⁾. As jaulas tradicionais foram progressivamente substituídas por jaulas mais “naturais” e sem barras visíveis para que o visitante fosse de alguma forma transportado para os ambientes correspondentes aos animais nelas empriionados. Atualmente essas jaulas estão ainda mais “naturais” sendo o estado de imersão do visitante no dito ambiente ainda mais elevado e as barreiras entre nós e eles ainda mais invisíveis, dando a ilusão de que os animais não estão assim

tão confinados àquele espaço ⁽²⁾.

A deslocação das pessoas a estes locais era conduzida por curiosidade em relação ao desconhecido e um sentimento de superioridade por aqueles emprisionados. Hoje em dia, o facto da maioria das pessoas viver em grandes cidades, desligadas de qualquer paisagem natural, faz com que os zoos sejam vistos como um “escape” a este mundo de betão e ao stress por ele induzido, sendo simultaneamente também vistos como uma ferramenta de educação e conservação dum ambiente já muito explorado e talvez a única escapatória para os animais aqui residentes. Em última instância, os zoos são apenas uma forma de entretenimento para a espécie humana e o sentimento de superioridade está ainda presente.

Atualmente, apesar dos avanços notórios na forma como os animais são exibidos ao público e a existência de entidades reguladoras e supervisoras de alguns destes locais (WAZA, EAZA, AZA por ex.), ainda continuam a existir muitos zoos não regulados e sem qualquer supervisão onde nos vemos transportados para o tempo das menageries, sendo na generalidade estes últimos designados como “maus” e os restantes regulamentados e mais ocidentais designados como “bons”, mas a linha é ténue quando pensamos no animal que está preso e ao que é submetido diariamente.

O que delimita então esta denominação de “bom” e “mau”? Estes animais são negados da sua privacidade, instinto, liberdade (etc), sendo que muitos nunca conheceram sequer esse sentimento pois são fruto dos programas de reprodução existentes nos zoos. E mesmo deixando de parte estas privações, a meu ver essenciais a qualquer indivíduo, os zoos possuem um historial de abuso do seu poder em relação aos animais. Os ditos “maus” zoos são locais onde entramos e temos o sentimento de que algo não está bem, o sofrimento dos animais é claro, e começamos a questionar se os animais ali são efetivamente bem tratados, se a

alimentação é adequada, se as condições não poderiam ser melhores, se o comportamento é natural e se estes animais deveriam estar efetivamente ali. Por outro lado, nos “bons” zoológicos, por norma, ao entrar a visão que temos é boa, os animais parecem saudáveis, sem sinais de stress e com comportamentos normais, as jaulas estão limpas, o próprio zoológico também, os guias parecem pessoas extremamente sensibilizadas e amantes dos animais e tudo isto nos deixa extremamente descansados e certos de que os animais neste local estão bem, quem sabe até melhor do que na natureza. Mas será esta a verdadeira realidade?

Apesar de todos os esforços que algumas pessoas possam ter para melhorar a vida destes animais, não nos podemos deixar levar pela errónea ideia de que estes animais deixam de viver uma vida miserável só porque possuem cuidados sanitários, veterinários e de alimentação, entre outros, congratulando-nos com o facto de que “eles até possuem uma longevidade maior em cativeiro”, (Não sendo verdade para todas as espécies, como por exemplo no caso dos elefantes - estes possuem uma esperança média de vida de 15 anos em zoológicos europeus enquanto que na natureza esta média está por voltas dos 50/60 anos⁽⁷⁾) mais uma vez enfatizo e pergunto ao leitor: preferia viver uma vida num quarto onde lhe dessem todos os cuidados (sanitários, médicos e alimentares) durante 80 anos ou uma vida em que pudesse sair explorar o mundo ou fazer o que lhe apetecesse fora do quarto, durante 40 anos? Para mim a resposta é óbvia, preferia sem pestanejar uma vida livre com menos longevidade.

Algumas notícias vindas de zoológicos membros da WAZA e proclamados como “bons” zoológicos deixam-me um pouco de pé atrás em relação à realidade que se faz passar em TODOS os zoológicos: (1) Recuando até ao ano de 2000, *um* Urso-preguiça morre no zoológico de Toledo aos 18 anos depois do seu tratador ter cometido o erro de pensar, desconhecendo totalmente a biologia da espécie, que ela estaria grávida e que iria entrar num período de

semi-hibernação durante o qual não necessitaria de comida ou água, o animal acabou por morrer à fome 21 dias depois. (2) Parando agora no ano de 2012, *dois* elefantes no zoo de Twycross foram abusados por os seus tratadores que lhes bateram com canas. (3) Mais recentemente e mais mediático vamos ao ano de 2014 onde *quatro* Leões (dois adultos + dois juvenis) e *uma* Girafa são mortos no zoo de Copenhaga, a morte destes foi orgulhosamente justificada pelos membros da direção do zoo e por membros da EAZA como um mal necessário. Estes leões foram mortos para que um novo macho fosse introduzido com o objetivo de acasalar com as fêmeas presentes, sendo que este novo macho iria entrar em conflito com os restantes e até possivelmente matar os mais novos. A jovem girafa foi morta porque os seus genes eram demasiado similares com os presentes no programa de reprodução da EAZA, sendo que não iria adicionar nada ao seu pool genético. Estas ações deixam bem claro que a preocupação principal destes zoos não é o bem-estar de cada um dos seus indivíduos, sendo estes vistos como meros objetos ou conjuntos de genes, descartáveis a qualquer momento.

Na verdade, não existem bons nem maus zoos, existem zoos onde os animais estão presos toda a sua vida (na esmagadora maioria dos casos), em locais muito mais reduzidos do que aqueles que necessitam ⁽⁸⁾, a serem observados 24h por dia maior parte do tempo por milhares de visitantes sem qualquer local de refúgio.

1. A PROBLEMÁTICA DOS ESPETÁCULOS COM ANIMAIS

Além dos animais que são apenas exibidos, existem também aqueles que são usados de forma a realizarem espetáculos. Neste sentido o que os torna diferentes de um circo?

Nada. Certamente todos sabemos o que é necessário para que um animal selvagem pratique essas ações, o reforço não é de todo positivo, seja por violência física ou psicológica.

A existência destes espetáculos não adiciona nada aos valores que os zoológicos querem forçosamente passar como seus principais (educação e conservação), perdendo ainda mais ao tê-los. Estes espetáculos são pura tortura e os abusos são provenientes de todos os zoológicos, mais uma vez incluindo os pertencentes às mais variadas entidades reguladoras. Deixo um exemplo notório e recente que teve lugar no zoológico de Hannover na Alemanha em 2017: tratadores foram filmados a bater repetitivamente em elefantes bebés, inclusive com arpoes de metal (um método não muito utilizado hoje em dia devido à violência que implica – não obstante que qualquer tipo de método seja mau), até que estes realizassem todos os truques requeridos para o espetáculo ⁽⁹⁾.

A mensagem de que alguns destes truques são realizados para que os animais tenham enriquecimento ambiental e também para que os tratadores consigam ver se os animais estão em boas condições físicas é surpreendente. De que maneira um conjunto de movimentos realizados repetitivamente todos os dias contribui para o enriquecimento do animal? A vigilância dos animais e os cuidados veterinários não podem passar por a realização de truques por parte dos animais em qualquer circunstância. Não deixando de parte isso, não me parece de todo um argumento válido pois nem todos os animais realizam truques e sendo assim, como é que o resto dos animais são vigiados?

Estes animais são obrigados a realizarem estes truques dia após dia, ano após ano, numa rotina desenfreada até ao fim das suas vidas. Para que servem estes espetáculos, senão para o entretenimento humano? Ver o animal a executar truques completamente fora do seu comportamento natural, não ensina

nem passa nenhuma mensagem aos observadores, muitos deles crianças, sobre a vida que esse animal iria ter na natureza.

2. ZOOS COMO FERRAMENTA PARA A INVESTIGAÇÃO?

A investigação científica realizada em zoos passa por 3 pontos principais ⁽³⁾: (1) Financiamento para investigação científica *in situ* feita por cientistas não pertencentes ao zoo; (2) Empregar pessoas com formação na área e (3) disponibilizar animais presentes no zoo para que sejam estudados, quer seja por pessoas afiliadas ao zoo quer seja por meio de entidades formadoras, como universidades. Focando-nos apenas na investigação que é realizada nos zoos temos duas abordagens possíveis: os estudos que se focam na anatomia e fisiologia dos animais e os estudos que se focam no seu comportamento ⁽³⁾.

Estudos que se focam no comportamento não me parecem muito interessantes do ponto de vista científico visto que os animais não expressam os mesmos comportamentos que iriam expressar na natureza na maioria dos casos, pois estão em condições completamente diferentes, em maior ou menor extensão dependendo da espécie em foco (Por exemplo, espécies de pequeno porte que não necessitam de uma grande área para viver e que não são tão afetadas por outras condições inerentes aos zoos podem expressar comportamentos iguais aos apresentados na natureza e como tal “dignos” de estudo, contudo não vejo porque não possam ser apenas estudadas na natureza).

Os estudos com foco na anatomia e fisiologia são diferentes pois conseguem ter resultados fidedignos, a questão passa pela razão de os realizar (pressupondo que apenas existem porque os animais já lá estão). Estes estudos existem normalmente de forma a aumentar o nosso conhecimento sobre estes animais e de forma a melhorar as suas condições em zoos

⁽³⁾. Estas duas razões não me parecem fortes o suficiente para que este seja um dos objetivos dos zoológicos; o conhecimento que temos acerca destes animais, ainda que de forma mais lenta, pode ser obtido por outras vias, nomeadamente o seu estudo na natureza e também a partir de animais que por alguma razão foram encontrados mortos, podendo aproveitar-se para estudar a sua anatomia, não sendo de todo moralmente justificável prender um animal toda a sua vida apenas para saber mais sobre ele; Os estudos de forma a melhorar as condições destes animais em zoológicos tornam-se completamente desnecessários a partir do momento em que não existem zoológicos.

3. ESPÉCIES DE ANIMAIS EM ZOOLOGIOS: QUE ANIMAIS ESTÃO EFETIVAMENTE EM PERIGO?

A conservação em zoológicos não é inexistente, todos podemos ter conhecimentos com uma pesquisa rápida ou por meio das mais variadas publicidades das reproduções e reintroduções que os zoológicos fizeram ao longo a sua existência. Contudo, também sabemos que os zoológicos não investem assim tanto em conservação como nos querem levar a pensar: os membros da WAZA, partindo do princípio que são os que mais investem na conservação, apenas têm que contribuir com 3% do seu orçamento para projetos desta natureza ⁽¹⁰⁾.

Será que este é o modelo adequado para conservar? Será que para isso é necessário ter tantos animais enjaulados? E principalmente, com que fim temos animais presos que não estão ameaçados?

Em Gales uma investigação concluiu que apenas 9% dos animais nos zoológicos deste país possuem efetivamente classificações desse tipo ⁽¹¹⁾. Para além disso, os zoológicos que têm estes animais que não possuem classificações de risco, ainda os reproduzem, e com que fim? Com certeza não é o da reintrodução na natureza, mais

certamente é o poder que as crias possuem nas audiências, disparando o número de pessoas que se deslocam aos zoológicos. Focando-me no zoológico de Lisboa, por facilidade em adquirir dados, foram reproduzidas várias espécies de animais que não estão ameaçadas entre as quais: (1) Macaco de Brazza em 2018 (1 cria); (2) Golfinho-roaz em 2017 (1 cria); (3) Urso-pardo em 2015 (2 crias); (4) Tigre de Bengala branco em 2011 (3 crias); todos os casos com estatuto de conservação “Pouco preocupante” (Lista vermelha do IUCN). Neste último caso (4) existe uma agravante: estes indivíduos são portadores de genes recessivos que lhes conferem a cor branca e dificilmente conseguiriam sobreviver na natureza pois são alvos demasiado fáceis, ou seja, a sua existência está restrita quase unicamente a locais como zoológicos - este é o exemplo que demonstra mais claramente o objetivo do zoológico com estas reproduções, o mediatismo.

Consequentemente penso em todos estes animais, todos estes indivíduos que estão toda a sua vida dentro de uma jaula para que outros tantos consigam, talvez, ter uma oportunidade de florescer na natureza. Para eles, será justo? Submeter estes indivíduos ao confinamento de forma a salvar o que foi a sua antiga história na natureza ou o pouco que ainda resta dela será razão suficiente?

Esses indivíduos não terão, também, direito à vida livre na natureza? Será mais justo que passem a sua vida na natureza e a espécie se extinga ou passem a sua vida inteira em cativeiro para que outros talvez sejam reintroduzidos e a espécie tenha uma oportunidade? Não há resposta certa para estas perguntas. Queremos conservar toda a variedade e tudo o que está presente no planeta, mas a que custo? Um dos maiores problemas da conservação hoje em dia é a destruição do habitat natural, é no homem que está o principal problema, é nos valores base da sociedade e na educação que reside a resposta. A maneira como

estivemos e estamos a tentar conservar claramente não está a dar os frutos que queríamos, alguma coisa tem efetivamente de mudar. Depois de centenas de anos de zoos, apesar da evolução dos mesmos, conseguimos provar que esta não é a maneira mais eficaz para prevenir a destruição e extinção de espécies e dos seus habitats.

Com o objetivo único da conservação, um santuário seria talvez o modelo mais perto do ideal. Aqui as espécies ameaçadas poderiam ter uma vida, ainda que em cativeiro, um pouco melhor do que a apresentada por um zoo, com espaços maiores, sem o stress induzido por milhares de pessoas em constante observação, sem serem trocados, vendidos, usados em testes ou outras formas de exploração por parte do ser humano.

4. ZOOS COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO?

Os zoos baseiam-se na ideia de que a única forma de conhecer as espécies e fazer passar a mensagem relativa à sua conservação é por visualização direta dos animais. Não poderiam estar mais errados. Por mais que um animal ao vivo seja desafiante e entusiasmante, não nos trará muito mais do que esses sentimentos, pois o seu comportamento e o seu meio não são iguais ao que ele teria se estivesse na natureza. Quase todo o conhecimento que é adquirido nestes locais é proveniente da visita guiada na qual o guia vai fornecendo informação sobre a vida na natureza de todos estes animais ⁽¹²⁾. Partindo deste ponto, podemos inferir que todo este conhecimento pode ser fornecido por outros meios como documentários de vida selvagem, livros, exposições ou até quem sabe exposições em realidade virtual. Com toda a tecnologia hoje em nossa posse a possibilidade de conseguirmos fazer educação ambiental sem recurso a animais reais em jaulas parece-me simples e eficaz. A mensagem de que não podemos ter animais em jaulas, que eles estão bem na

natureza livres e que para isso temos que conservar o seu habitat é uma mensagem forte e que tem mais poder do que a maioria acredita. O que estamos nós a passar aos membros mais novos desta sociedade quando o ensino ambiental é feito num local com animais presos e a executar truques? A normalização desse panorama é a perpetuação de um pensamento em que o homem usa os animais como ferramentas para os seus objetivos sejam eles bons ou maus, isto é, sejam eles para a conservação das espécies ou para o entretenimento e puro prazer.

CONCLUSÃO: O FUTURO

O caminho parece ainda um pouco incerto quando pensamos no futuro dos zoológicos, contudo as opiniões públicas começam a ser mais marcadas em relação a este tema. Apesar da enorme quantidade de pessoas que se deslocam diariamente a estes locais, cada vez mais a percepção de que os animais não estão bem em zoológicos está a crescer.

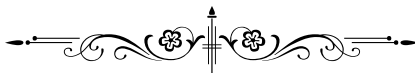
Apesar de todos os esforços e alguns benefícios que alguns zoológicos possam trazer para a conservação das espécies e para a educação, no fim de contas são, nada mais nada menos, que exposições de animais, e nós não podemos pagar para ver o sofrimento de outros seres, quer estejam eles em extinção ou não. As minhas memórias da primeira visita ao zoológico não são assim tantas, não foi um evento marcante na minha vida, no entanto cresci para ser bióloga, cresci a ver documentários sobre a vida selvagem, estes sim despertaram em mim a curiosidade por todos aqueles animais, todos aqueles habitats sem fim: será assim tão difícil educar sem ter por base jaulas? Acho que não, a curiosidade das crianças, e também dos adultos, pode ser despertada das mais variadas maneiras. Temos uma natureza maravilhosa, porque não nos aproveitamos disso? Conhecer a vida selvagem não tem que passar por fazer uma visita ao zoológico,

os jardins públicos, ou até o nosso quintal, servem para cultivar o interesse dos mais curiosos.

O futuro passa, na minha opinião, por o fecho de todos os zoos. Dito isto, a conservação, educação e investigação têm e devem continuar: Os santuários seriam o local adequado para ter animais que estivessem ameaçados, não havendo lugar para animais que não apresentassem este estatuto. Estes santuários poderiam ser financiados por locais onde poderíamos ver imagens, vídeos, modelos etc, de animais e plantas no seu ambiente natural, com o auxílio da mais variada tecnologia (ecrãs de grande dimensão, modelos em tamanho real, equipamento sonoro, realidade virtual, etc), um género de “zoo virtual”. Este local teria um poder educativo muito grande, mostrando a vida selvagem e a importância da conservação de todo o ecossistema. A salvaguarda de toda a biodiversidade que temos no mundo recai unicamente sobre os nossos ombros. Temos que nos convencer, de uma vez por todas, que as nossas ações têm um impacto enorme no ecossistema e que sem ele nós não existimos.

The Panther (originalmente por Rainer Maria Rilke)
Tradução inglesa por Christopher Laue

“His gaze from passing by the bars
Is so exhausted, he can retain no more.
To him it is as if there were a thousand bars
And past those thousand bars no world exists.
The soft pace of smooth powerful strides
Which turn about in tiniest of circles
Are like a dance of great strength around a center
In which a mighty will stands dazed.
Only sometimes the veil over the pupils
Opens silently – and then an image enters,
Passes through the gliding, tense stillness –
And ceases completely in the heart.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Bentham Jeremy (2010), *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation 1781*; White Dog Publishing; 2010; USA.
- (2) Lily Maynard (2017), *Media Framing of Zoos and Aquaria: From Conservation to Animal Rights*, Environmental Communication.
- (3) Peter Singer (1985), *In Defense of Animals: The Second Wave*, New York: Basil Blackwell.
- (4) Against Zoos by Dale Jamieson In Peter Singer (ed), *In Defense of Animals*, New York: Basil Blackwell, 1985, pp. 108-117.
- (5) Jenny Grey (2015), *An Ethical Defense of Modern Zoos*, Submitted in total fulfillment of the requirements of the degree of Doctor of Philosophy, Department of Arts, The University of Melbourne.
- (6) Daniel Vandersommers (2018), *History of the zoo*, SSHRC Postdoctoral Fellow in Animal History, McMaster University.
- (7) Clubb R & Mason G (2002), *A review of the welfare of zoo elephants in Europe*, RSCPA.
- (8) Clubb, R., & Mason, G. (2003), *Captivity effects on wide-ranging carnivores*. *Nature*, 425(6957), 473–474.
- (9) Zachary Toliver (2017), “Hanover Zoo Staff Caught Beating Baby Elephants to Make Them Do Tricks” in Peta.org.
- (10) Jeremy Hance (2015), “Zoos could become 'conservation powerhouses’” in The Guardian.

(11) freedomforanimals.org

(12) Eric Jensen (2014), *Evaluating Children's Conservation Biology Learning at the Zoo*, Conservation Biology.